



A PECUÁRIA BRASILEIRA E O CAMINHO DA SUSTENTABILIDADE: PRODUZIR MAIS, COM MENOS

Fernando Sampaio *

A pecuária desempenhou inegável papel na expansão das fronteiras agrícolas brasileiras. Contudo, a inserção do país como o maior exportador global de carne bovina nos últimos anos levou a um aumento do uso de tecnologia, permitindo produzir mais em menos área. Induziu ainda iniciativas para estimular a sustentabilidade, como o Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS).

A incorporação de tecnologia na produção pecuária incrementou a produtividade de tal forma no Brasil, nos últimos anos, que a área de pastagens diminuiu no país, ao mesmo tempo em que o rebanho, a produção e a exportação foram fortemente impulsionados pelo mercado.

Nos últimos 17 anos, enquanto as exportações de carne bovina brasileira cresceram 719%, a área de pastagens no país diminuiu em 3,6%¹.

A participação do Brasil no mercado internacional, como o maior player global de carne bovina, fez com que o mercado acelerasse o incremento de eficiência na produção, o que resulta não apenas em menor pressão pela abertura de novas áreas, como também no menor uso de recursos naturais e em queda nas emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE).

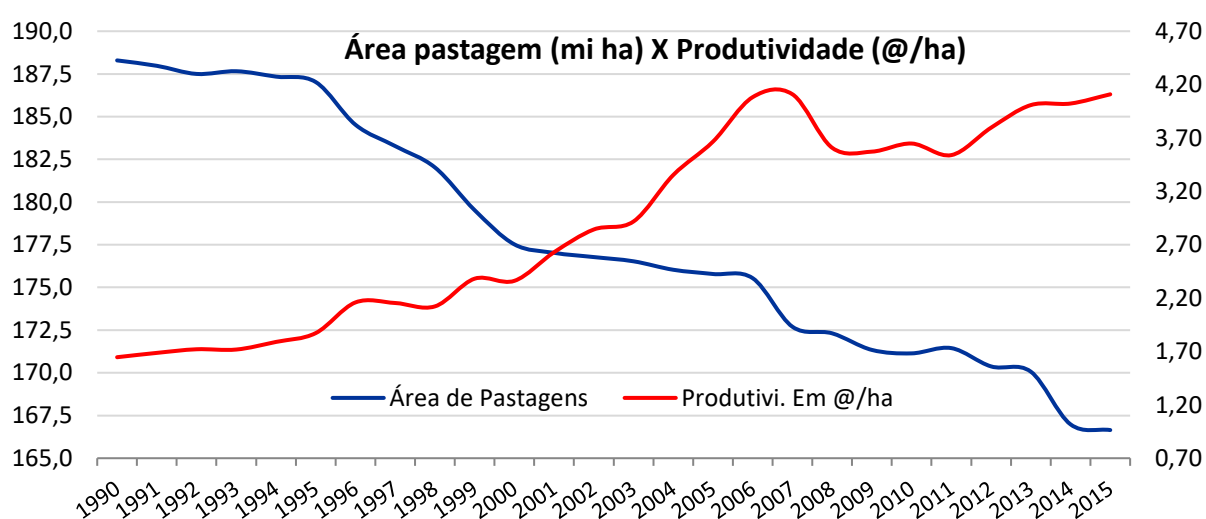
Em 20 anos, o Brasil reduziu em 29% as emissões de CO₂ por kg de carne produzida, o melhor índice entre os grandes países produtores, segundo estudo da Universidade de São Paulo (USP)².

Essas são algumas das contribuições do Brasil para a busca de respostas aos desafios mundiais de produzir mais alimentos, ao mesmo tempo em que se preserva o meio ambiente.

Como definiu Henning Steinfeld, da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, sigla em inglês), no Congresso Mundial da Carne de 2010: “intensity is key”. Isso significa que quanto mais a produção se intensifica, mais se reduz a emissão de GEE por unidade. Objetivos corroborados por Bryan Weech, da World Wide Fund for Nature (WWF), na mesma ocasião: “We need to use less, to produce more, from less”.

Nesse sentido, a evolução da pecuária no Brasil torna-se um caso de interesse.

Gráfico 66 - Área de Pastagem (mi ha) vs. Produtividade da pecuária (@ / ha)



Fonte: Agroconsult - com base no IBGE e indicadores

Contexto

O crescimento populacional, a urbanização acelerada, a perda de biodiversidade e as mudanças climáticas representam desafios recentes e inéditos para as lideranças globais.

Forjamos o termo desenvolvimento sustentável para definir a busca do equilíbrio entre produção e crescimento econômico e a preservação do meio ambiente.

A pecuária, atividade que ocupa boa parte da área antropizada no planeta, é fonte de subsistência para cerca de 1 bilhão de pessoas no mundo todo, segundo a FAO. É, por isso mesmo, peça fundamental da equação na busca por esse equilíbrio.

Hoje temos uma humanidade que emite cerca de 40 bilhões de toneladas de GEE por ano³, das quais em torno de 15% são gerados pelos setores leiteiro e



de carne no mundo. Isso mostra que a pecuária, globalmente, tem muito a melhorar em termos da eficiência do uso de recursos naturais.

O Brasil tem uma história recente de ocupação territorial, e a pecuária desempenhou inegável papel na expansão das fronteiras agrícolas brasileiras. Contudo, o incremento da produtividade permitiu a redução na área de pastagens ao mesmo tempo em que o rebanho, a produção e a exportação cresceram de forma exponencial, impulsionados pelo mercado.

Esse processo vem se acelerando nos últimos 17 anos, mas começou muito antes disso.

Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), entre 1960 e 2010, a produção de carne no Brasil cresceu 3,36% ao ano. O incremento de produtividade foi responsável por 79% do aumento da produção, enquanto a expansão em área, por apenas 21%⁴.

Ainda de acordo com a Embrapa, se for considerado o período entre 1996 e 2006, a expansão das áreas de pastagens no norte do Brasil, o que inclui sete estados (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), representou menos de 6% do crescimento da produção. Os ganhos de produtividade na região promoveram um efeito “poupa terra” de 73 milhões de hectares⁵.

Código Florestal e o CAR

Ao mesmo tempo em que a eficiência crescia no campo e a produção aumentava, a sociedade brasileira democraticamente reconheceu a necessidade imperiosa da preservação da biodiversidade, estabelecendo uma legislação ambiental, a lei do Código Florestal (2012), extremamente avançada em comparação com outros países.

A lei exige, por exemplo, a preservação de uma área de vegetação nas propriedades privadas em diferentes porcentagens, dependendo da região em que esse imóvel esteja situado no Brasil. Regula ainda a proteção de encostas, lençóis d’água e nascentes, entre outros fatores.

O controle do Estado brasileiro sobre seu território também ganhou força com o uso de geotecnologia e a implementação de mecanismos de controle previstos tanto no Código como no Cadastro Ambiental Rural (CAR).

Tornado obrigatório pelo Código Florestal, o CAR é o registro público eletrônico de todas as propriedades rurais com a finalidade de integrar as informações ambientais e de posse da terra. Em conjunto com os dados de desmatamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o CAR constitui um sistema de controle extremamente robusto que permitirá a rápida identificação (online) do desmatamento fazenda por fazenda.



Por determinação da lei, todas as propriedades rurais, independentemente da sua dimensão, devem se registrar no CAR até maio de 2016.

Contribuição dos atores privados

Junto com instituições do Estado e da sociedade civil, o setor privado também teve sua participação na busca do equilíbrio entre desenvolvimento e aumento de produção com preservação ambiental, engajando ativamente as cadeias de fornecimento na redução do desmatamento. Recente estudo publicado por pesquisadores da Universidade de Winsconsin-Madison⁶, dos Estados Unidos, demonstra a efetividade dos acordos da indústria da carne do Brasil com o objetivo de desenvolver cadeias sustentáveis.

Esses acordos foram fechados em 2009, quando os donos dos maiores frigoríficos do país se comprometeram publicamente a comprar gado somente daqueles fazendeiros que não mais contribuíssem para o desmatamento da Amazônia. Os pesquisadores concentraram o estudo no maior frigorífico do mundo, e mapearam os locais e o histórico do uso da terra de cada um dos seus fornecedores pré e pós-acordos. Concluíram que o resultado dos acordos foi a queda radical do desmatamento nas fazendas que abastecem este frigorífico.

O estudo apontou que antes de 2009, 4 de cada 10 dos seus fornecedores tinham desmatado recentemente. Em 2013, esse número tinha caído para 4 em cada 100.

Antes dos acordos, continua o estudo da UW-Madison, somente 2% dos fornecedores do maior frigorífico do país tinham registrado suas propriedades no CAR. Dentro dos primeiros cinco meses dos acordos, 60% foram registradas, sendo que até 2013, quase todos os fornecedores já haviam providenciado o registro.

GTPS

Outra iniciativa inovadora no país foi a criação, em 2007, do Grupo de Trabalho para a Pecuária Sustentável (GTPS) - grupo que tem a participação de toda a cadeia produtiva, de insumos ao varejo, e ainda organizações não governamentais e instituições financeiras para debater e propor soluções aos desafios da sustentabilidade.

O projeto foi aprovado para receber recursos do *Farm Support Program* da Holanda (FSP), gerido pela Organização Solidaridad, em junho de 2013.



O GTPS ajuda a financiar, com o apoio do FSP, um programa de aplicação e disseminação de boas práticas de gestão, incentivos para os produtores, os indicadores de progresso e os mecanismos de divulgação.

O Grupo começou com 7 projetos de unidades demonstrativas, desenvolvidos em 5 estados estratégicos (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia e Bahia) com forte presença no Bioma da Amazônia. São 800 produtores e mais de 800.000 hectares já transformados para demonstrar que é possível sim produzir mais, com menos.

Atualmente, o GTPS também está desenvolvendo seus próprios indicadores para avaliar essa transformação, que envolve uma discussão ampla e participativa.

Impacto social

Sustentabilidade, nunca é demais lembrar, baseia-se em um tripé ambiental, econômico e social.

Atualmente, segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da USP, o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro representa 22% do PIB brasileiro e o PIB pecuário representa 30% do agronegócio brasileiro ⁷.

O impacto dos ganhos de produtividade na pecuária no Brasil também pode ser observado nos cálculos usados pela série histórica do Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos (DIEESE) relacionados com a cidade de São Paulo. Em junho de 2010, o preço da carne, medido em termos reais, era cerca de 30% menor do que os consumidores pagavam em novembro de 1973.

O aumento de produtividade permitiu a queda nos preços e contribuiu para que, no próprio Brasil, mais pessoas comessem carne. Além disso, o desenvolvimento do setor tem efeito direto na redução da pobreza no país, porque mais pessoas se beneficiam, direta ou indiretamente, de um sistema agroindustrial que movimenta 170 bilhões de dólares no país gerando emprego e renda em regiões carentes de oportunidades.

Conclusão

O sistema de produção de alimentos no Brasil, às custas de muito trabalho, pesquisa e inovação, está criando um modelo de desenvolvimento cada vez mais eficiente no uso de recursos naturais e, portanto, cada vez mais capaz de associar produção à preservação.

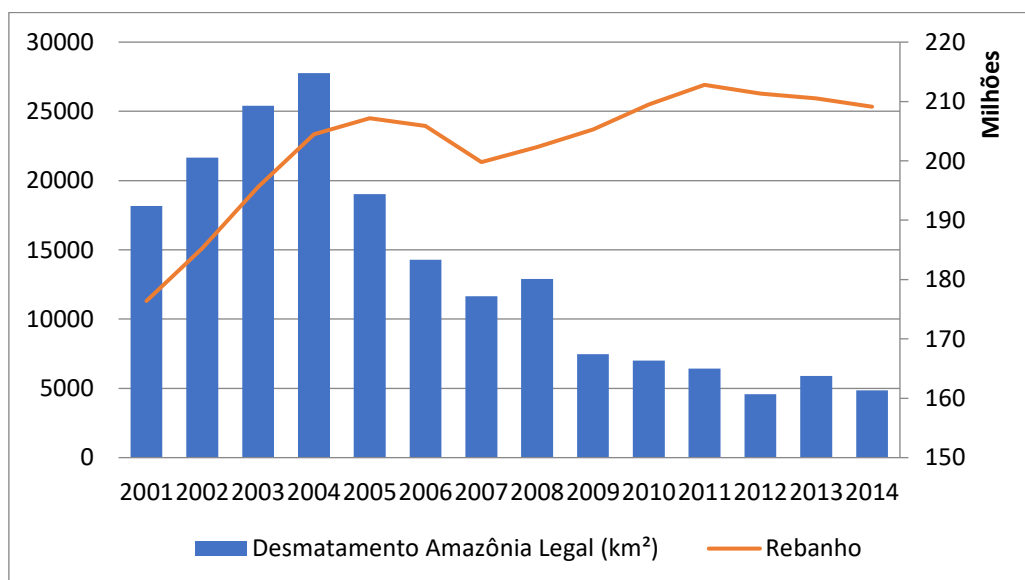
Os avanços são inegáveis. Mais um exemplo é um projeto-piloto do GTPS no município de São Félix do Xingu, na Amazônia, com uma área de 8,5 milhões de hectares, o equivalente a duas vezes e meia o tamanho da Bélgica.

O projeto está localizado dentro do município que possui o maior rebanho do Brasil, com 2 milhões de cabeças. Mantém cerca de 73% de sua área original de floresta, 60% dos quais consistem em áreas de proteção ambiental, incluindo Unidades de Conservação e Terras Indígenas. Entre os resultados obtidos está o de que 80% das fazendas privadas no município já estão registradas no Cadastro Ambiental Rural.

Em 2006, os dados indicavam uma área de 782 quilômetros quadrados de desmatamento no município. Em 2012, a área de desmatamento havia caído para 166 quilômetros quadrados. A meta é expandir a produção atual de 0,8 cabeça / hectare para 3-4 cabeça / hectare dentro de dois anos.

A recuperação de áreas degradadas prevista na lei ambiental brasileira, aliada à eficiência no campo e à agroenergia, irá transformar o Brasil em credor no mercado de carbono mundial.

Na verdade, a melhoria das pastagens e a recuperação de áreas degradadas estabelecidas no Código Florestal, impulsionadas pelo uso de novas tecnologias, podem ajudar a pecuária a inverter a equação da emissão de gases, tornando a atividade um sumidouro de carbono, e não mais uma fonte de emissões.



Fonte: Abiec, com dados do INPE e do IBGE



Todos os atores econômicos envolvidos no trabalho da Pecuária Sustentável sabem a dimensão exata dos pontos de estrangulamento para atingir metas. O grande desafio é a implementação de práticas sustentáveis da pecuária na região amazônica.

Primeiramente, pelo tamanho territorial: apenas a título de comparação, a Colômbia tem 1,1 milhão de hectares enquanto o estado do Pará sozinho ocupa 1,2 milhão de hectares. Em segundo, pela dimensão da cadeia de produção, que engloba desde o fornecimento de gado, o abate, a manufatura, até o varejo.

Obviamente existem ainda desafios imensos, que envolvem, entre outros, o acesso a crédito e a disseminação de tecnologia na produção, a segurança jurídica e mecanismos de gestão territorial.

Porém, sabemos que se continuarmos o trabalho que vem sendo desenvolvido, o país será um líder no setor e um exemplo para o mundo.

E em um mundo em busca de modelos e lideranças, a experiência brasileira de construção de um consenso pode apontar um caminho.

** Fernando Sampaio é diretor executivo da ABIEC – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne e integra a Comissão Executiva do GTPS – Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável.*

Para mais informações sobre a Pecuária Sustentável no Brasil e o GTPS, visite a biblioteca no seguinte link: <http://www.pecuariasustentavel.org.br/biblioteca/>

¹ GBMartha Jr et al, *Sistemas Agrícolas*, v.110, 2012, p.173-177.

² RODRIGUES, P. H. M. ; MEYER, Paula Marques . Evolution of enteric methane production by the largest beef exporter countries in the last 20 years. In: REUNIÓN ANUAL DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE PRODUCCIÓN ANIMAL, 2009, San Juan. ANAIS DA REUNIÓN ANUAL DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE PRODUCCIÓN ANIMAL. San Juan : ALPA, 2009. v. 21. p. 479-483.

³ Earth System Science. Data Publishing Journal. 6, 689-760, 2013. Disponível em: www.earth-syst-sci-data-discuss.net/6/689/2013/

⁴ GBMartha Jr et al, *Sistemas Agrícolas*, v.110, 2012.

⁵ GBMartha Jr et al, *Sistemas Agrícolas*, v.110, 2012.

⁶ Conservation Letters. Journal of the Society for Conservation Biology. 10.1111/conl.12175. May 2015. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/enhanced/doi/10.1111/conl.12175/#>